

**POVOS ORIGINÁRIOS EM JOSEFINA PLÁ: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
OBRA *LA MANO EN LA TIERRA* (1963)**

**NATIVE PEOPLE IN JOSEFINA PLÁ: AN ANALYSIS FROM THE WORK *LA
MANO EN LA TIERRA* (1963)**

Júlio MARQUES¹

Resumo: O presente estudo visa propor diálogos sobre a contística da escritora Josefina Plá, especificamente sobre sua obra *La mano en la tierra*, de 1963. Objetivamos indagar o lugar que os povos originários ocupam nestas narrativas situadas no contexto paraguaio, bem como pensar em aspectos teórico-metodológicos para a sistematização e análise.

Palavras-chave: Josefina Plá; Contos; Literatura Paraguaia; Povos originários.

Abstract: This study aims to propose dialogues about the storytelling of the writer Josefina Plá, specifically about her work *La mano en la tierra*, from 1963. We aim here to investigate the place that the original peoples occupy in these narratives located in the Paraguayan context, as well as to think about theoretical and methodological aspects for systematization and analysis.

Keywords: Josefina Plá; Tales; Paraguayan Literature; Native peoples.

Introdução

Este trabalho surgiu a partir do projeto Mobilidades Culturais, desenvolvido entre 2016 e 2017, que se propunha a cartografar as poéticas engendradas em contexto de mobilidade cultural – intersubjetiva, transcultural, transnacional, espacial e desviante. Estabelecemos um recorte a fim de encontrar na contística contemporânea da região rio-platense registros dos saberes dos povos originários, a

¹ FAEL - Faculdade Educacional da Lapa. Lapa - PR - Brasil. E-mail: juliocezar.marques@gmail.com.

partir da sua figuração na literatura, buscando, ainda, mapear suas ocorrências e como essas vozes são retratadas, refletindo sobre o contexto de produção da obra e o entorno social no qual autor e obra estão inseridos.

Trabalhamos com a contística produzida por Josefina Plá, historicamente ambientada no Paraguai de meados dos anos 40 e 50, reunida em dois volumes de seus contos completos, delimitando, ainda, para esta etapa de análise, os textos contidos nos livros *La mano en la tierra* e *La pierna de Severina*, publicados, respectivamente, em 1963 e 1983, acreditando, dentro das inúmeras possibilidades de análise, que esse recorte nos permite um bom escopo de elementos indígenas e, sobretudo, dezenas de personagens construídas a partir da zona periférica da sociedade, elemento fundamental para o projeto, de forma mais ampla.

Aqui, abordaremos de forma pontual a primeira obra, publicada originalmente no ano de 1963, mas analisada a partir da sua edição nos volumes de *Cuentos Completos (Tomo I)*, publicada pela editora *Servilibro*, no ano de 2014. Nela encontramos mulheres, homens, crianças, jovens, adultos, todos permeados e compostos por elementos advindos dos povos originários, seja por meio de elementos linguísticos, comportamentais, objetuais ou outros.

No processo de redescobrimto da obra de Josefina Plá, podemos observar que a existência da voz de diversos povos é muito importante, mas o seu silenciamento também o é. Não são escolhas aleatórias, para tudo há um fundamento, há algo de simbólico e de significativo, na superfície ou na fissura, apenas aguardando os olhos atentos que os trarão à tona. Partimos da perspectiva de que tudo o que ali está dito e por nós é interpretado, no que tange o indígena, é apenas uma re(a)presentação do povo guarani, pois passa por uma série de filtros, construídos pelas experiências da própria autora, além da nossa, que analisamos a obra, e isso deve ser mencionado, para que esteja sempre muito claro que o que for apontado, apesar de pautado em elementos da narrativa e embasado por estudos teóricos, não passa, ainda assim, de uma interpretação possível.

Dentro desse estudo, nos cabe questionar: qual o lugar do indígena dentro das narrativas? Socialmente, que lugar ele ocupa na sociedade paraguaia? A partir desse lugar social, qual a imagem deles construída nessas narrativas? Como é feita a sua caracterização? É possível delimitar, enxergar, inferir quais as relações entre as

personagens? Como a interrelação delas pode moldar umas às outras? Como são as relações de poder entre elas e como isso interfere/ajuda na construção da narrativa?

A pesquisa se desenvolve a partir do levantamento de contos que contenham algum traço que faça referência aos povos originários latino-americanos, tentando criar padrões de ocorrência para posterior análise comparativa. Paralelo ao levantamento dos textos literários também serão investigados teóricos latino-americanos pensando a própria produção literária, objetivando uma reflexão dos textos literários a partir de teorias que se constroem nesse mesmo contexto.

Criamos, então, uma tabela para tentar esmiuçar e categorizar todos os elementos que encontramos nos textos literários selecionados, pensando em, de forma sistemática, visualizar as semelhanças e diferenças entre eles, buscando um melhor entendimento do todo da obra. Nessa tabela, apresentamos dados pontuais e bibliográficos, como título do livro, do conto, ano de escrita e de publicação, mas ainda dados mais subjetivos, que nos ajudam a interpretar o material e a aplicar e discutir todos os conceitos aqui expostos, anteriormente, com os quais trabalhamos com o enredo, com a presença de elementos da chamada América profunda, bem como elementos indicadores da presença e inserção das comunidades originárias, objeto/sujeito inicial dessa pesquisa, contraponto na análise esta cartografia aos textos teóricos a respeito dessa temática.

Revisão de literatura

A seleção dos textos que embasam nossos estudos parte de uma tentativa de pensar a produção literária latino-americana através dos constructos produzidos por teóricos advindos deste mesmo espaço, acreditando que essa reflexão se constrói de uma forma diferenciada, uma vez que estes compartilham de um mesmo contexto geopolítico e cultural, o que proporciona um diálogo mais coerente, no nosso ponto de vista.

Uma das referências basilares encontra-se em Bucco Coelho (2015), que elenca dezenas de teóricos que versam sobre o recorte literário por nós escolhido, fazendo uma revisão literária que nos ajudará a delinear o referencial teórico.. Além disso, a referida tese tem como um dos objetos de estudo a obra contística de Josefina Plá, promovendo um importante diálogo que nos ajuda a confirmar ou refutar as hipóteses apontadas aqui.

Cabe pontuar que optamos por, em um primeiro momento, trabalhar apenas com o primeiro capítulo desta obra, intitulado *Mobilidade Transcultural e Estética do Dilaceramento*, numa tentativa de não tornar parcial a análise inicial dos contos selecionados.

Partindo da perspectiva de toda a mobilidade envolvida na trajetória de Plá, que é de suma importância para compreender a construção da sua obra, não só a literária, chamamos a atenção para a aproximação com o conceito de mobilidades migratórias transculturais, aportado por Bernd (2012) e debatido no capítulo em questão. Este conceito não só trata do processo de desterritorialização dos indivíduos, mas também da sua inserção dentro de uma nova comunidade e como essa transição molda e ressignifica elementos da própria subjetividade.

Lado a lado com este conceito, podemos elencar o processo de transculturação (ORTIZ, 1983), uma vez que no processo de transição de Josefina Plá tanto a cultura espanhola quanto a cultura paraguaia são extremamente relevantes para a sua construção identitária e literária – mesmo que a cultura peninsular fique em segundo plano em muitos momentos, ela faz parte da subjetividade da autora e, como não poderia deixar de ser, figura em sua obra. Desta forma, retomamos com Ortiz a ideia de que:

o vocábulo transculturação expressa melhor o processo de transição de uma cultura para outra, porque este processo não consiste somente em adquirir uma cultura diferente, o que, a rigor, significa o vocábulo anglo-saxão *acculturation*, porém o processo implica também, necessariamente, na perda, no desenraizamento de uma cultura anterior, o que se poderia chamar de uma desculturação parcial, e, além do mais, significa a criação consequente de novos fenômenos culturais, que se poderiam denominar neo-culturação. (PÁGINA)

De forma conclusiva, o autor pondera ainda que:

...como bem sustenta a escola de Malinowski, em todo enlace de culturas ocorre o mesmo que na cópula genética dos indivíduos: a criança sempre tem algo de seus progenitores, mas sempre algo diferente de cada um dos dois. Na sua totalidade, o processo é uma transculturação, e esse vocábulo compreende todas as fases da sua parábola². (ORTIZ, 1983, p.90)

² Consultamos algumas traduções disponíveis, além dos originais. Aqui, utilizamos diretamente a elaborada por Livia Reis, disponível em <http://www.ufrgs.br/cdrom/ortiz/> (Acesso em 12/06/2020)

Outro conceito importante, que trazemos da referida tese de Bucco Coelho, é o de *estética do dilaceramento*, conceito que nos será muito caro e que aparecerá em vários momentos da análise, como característica fundamental em boa parte das personagens de Josefina Plá. Josele Coelho define essa estética como:

[...] provocativa e engajada. Ao representar a barbárie, o esvaziamento e a desumanização de determinados grupos sociais, reveste-se de um apelo político por meio da criação de um veículo empático do leitor com a dor do Outro. [...] Ela está ancorada no sofrimento causado pela intersecção de universos culturais distintos onde os indivíduos, fagocitados, sofrem a agrura do pertencimento duplo – ou múltiplo. (BUCCO COELHO, 2015, p. 48).

Vemos as personagens de Plá como dilaceradas, inseridas nesse sistema desumanizante e pleno de barbárie. Nos valem das palavras da própria escritora para demonstrá-lo, uma vez que ela mesma afirma se inclinar mais ao trágico:

Meus heróis e heroínas, pobres, pelo simples fato de entrar em um conto meu, assinam a sua sentença de morte em uma porcentagem impressionante. Por que este extermínio de seus personagens amados, e sobre tudo levando em consideração que não sou capaz de matar uma mosca? [...] Poderia dar a eles dez explicações diferentes, com o que ficaria provado que nenhuma delas era a verdadeira. (PLA, 2014 [2], p. 58)³

Buscamos em Sousa Santos (2006) a discussão sobre as relações de poder e o processo de hierarquização social, sobretudo abordando as estratégias de inferiorização do novo, do diferente, do geograficamente inexplorado, tudo, é claro, desde uma perspectiva eurocêntrica. A visão trazida por Sousa Santos nos faz refletir sobre as relações estabelecidas entre os colonizadores espanhóis e os povos indígenas americanos, sobretudo nas relações de exploração que se consolidam, em que o novo território é apenas um novo depósito de recurso a serem espoliados, habitado por um povo que, primeiramente, nem é visto como, mas sempre posto como elemento de contraposição nessa relação dicotômica, sempre sendo o outro em relação ao europeu, nunca como referencial, classificado como o exótico, o selvagem, o inumano e, portanto, sempre inferior ao civilizado.

³ Tradução nossa. No original: [...] *Mis héroes y heroínas, pobres, por el solo hecho de entrar en un cuento mío, firman su sentencia de muerte en un porcentaje impresionante. ¿Por qué este exterminio de sus personajes amados, y sobre todo teniendo en cuenta que no soy capaz de matar una mosca? [...] Podría dar de ellos diez explicaciones distintas, con lo cual quedaría probado que ninguna de ellas era la verdadera.*

Também trazemos a abordagem de Trigo (2011) sobre o papel da memória (ou das memórias, uma vez que o autor classifica de forma diferenciada, como múltiplas) na construção da identidade do indivíduo. E Trigo (2012) sobre o deslocamento geopolítico das discussões teóricas e da ressignificação do mundo hispânico criando novas referências frente ao global. Sobre o mesmo tema, Osorio (1997), acrescenta questionamentos que tensionam a dicotomização entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, além das possíveis implicações teórico-metodológicas disso advindas.

Recorremos a Pereira Rodrigues (2020) para abordar dados biográficos, características da obra e do contexto histórico de produção, além de discutir a produção da escritora em outros segmentos artísticos, promovendo uma melhor compreensão do conjunto da sua obra e das implicações da sua contribuição na história cultural paraguaia, afinal, como apontado pela própria autora em Plá, (2014 [2]), a narrativa foi apenas umas das formas utilizadas por ela para se expressar – e esta não foi uma vertente exclusiva.

Os contos selecionados (PLÁ, 2014) se inserem no que se denominou realismo crítico, servindo como reflexo de uma sociedade fragilizada por processos bélicos e que ainda carregava muitas sequelas, que se refletiam, sobretudo, na hierarquização social e na marginalização de determinados grupos. A seleção, pertencente ao livro **La mano en la tierra** (1963), inclui: *La mano en la tierra* (1952), *La niñera mágica* (s.a.d.)⁴, *A Caacupé* (s.a.d.), *Mala idea* (s.a.d.).

Os trânsitos de Josefina

A obra da escritora hispano-paraguaia Josefina Plá é plena de trânsito. É fundamental, para analisar a sua produção, pensar no contexto em que ela produz, sobretudo levando em consideração a sua própria existência como participante de um processo de mobilidade migratória transcultural (BERND, 2012 apud BUCCO COELHO, 2015). Desde sua infância e juventude da Espanha, Josefina Plá sempre esteve em constantes movimentos, entre o mar e a biblioteca do pai, entre uma ilha e outra, mudando-se de uma cidade para outra (PEREIRA RODRIGUES, 2020). Assim,

⁴ O ano ao lado dos livros representa a publicação. Ao lado dos contos, quando foi escrito. A partir daqui, s.a.d – Sem ano definido.

como mulher pertencente a uma cultura hispânica peninsular e, ao mesmo tempo e por escolha, pertencente à cultura hispano-americana mestiça (FERNANDEZ, 1996, apud BUCCO COELHO, 2015), esse contato e esse entrechoque moldam e contribuem para a sua produção literária. Além disso, é fundamental pensar a pluralidade na produção desta escritora, uma vez que ela transita e se expressa livremente em várias linguagens artísticas, como a literatura, por meio da contística, teatro e literatura infantil, além de artes plásticas, como a cerâmica e pintura.

Maria Josefina Plá, que nasceu em Ilha de Lobos, Espanha, e chega à Vila Aurelia em 1926 e, depois, à Assunção, tendo viajado para o Paraguai para encontrar-se com seu esposo, o pintor e ceramista Andrés Campos Cervera (Julián de la Herreria), foi recebida como um prodígio e teve presença em vários círculos sociais considerados masculinos, pois sempre teve ideias à frente do seu tempo e foi precursora em muitas áreas no país em que escolheu passar o resto de sua vida. Acreditamos que, como elemento colaborador, o processo de adaptação ao novo país contribuiu para a lapidação de tantas personagens que sofrem de violências física e simbólica dentro da sua obra, uma vez que representa, muitas vezes, pessoas pela escritora conhecidas ou histórias por ela ouvidas. Um dos elementos que torna a sua narrativa instigante é justamente a veracidade contida na construção desses relatos, causando um incômodo profundo, advindo do reconhecimento de cada uma dessas situações nos dias atuais – a plena atualidade dos fatos trazidos na contística de Plá nos faz questionar até que ponto avançamos, de fato, na melhor relação entre as pessoas em um sistema conduzido pelo patriarcado e até que ponto somos diferentes dessa sociedade retratada por ela há meio século ou mais.

Estou convencida de que todos eles [os contos], ainda que rebotes de vivências locais, são universais na sua raiz humana. Mudando nomes, paisagens e algumas circunstâncias, podem acontecer, e acontecem, em qualquer outra parte do mundo.⁵ (PLÁ, 2014 [3], p. 185)

A vivência e territórios de conflito é um dos grandes motrizes da obra de Plá, uma vez que começou seus trabalhos no Paraguai na produção jornalística, podendo

⁵ Tradução nossa. No original: “Estoy convencida de que todos ellos, aunque rebotes de vivencias locales, son universales en su raíz. Cambiando nombre, paisajes y tal cual circunstancia, pueden darse, se dan, en cualquier otra parte del mundo.”

escrever sobre a Guerra do Chaco (disputa territorial entre Paraguai e Bolívia, de 1932 a 1935).

Os textos aqui selecionados se encontram dentro do que a crítica classificou como realismo crítico, uma literatura forjada em um período de mais ou menos 70 anos após a guerra, quando a sociedade paraguaia começa a se reestruturar, tendo uma parte considerável da população composta por mulheres, já que no período anterior um grande número de homens havia morto nos conflitos.

O ‘realismo crítico’ de Josefina Plá não é, então, de raiz ideológica, mas sim de caráter estrutural; dito de outra maneira, se origina na perspectiva, na distância que separa a autora do universo semântico ao seu redor, do qual, apesar de tudo, faz parte e ao qual vem somar e integrar seu próprio universo através de sua obra. Em grande parte da obra de Josefina Plá, incluindo a sua obra plástica, se adverte essa vontade de assumir a realidade, mas sem perder nada da dimensão crítica própria de sua condição⁶ (FERNÁNDEZ, 2014, p. 12)

Ressaltamos que esse percurso é extremamente importante para entender as personagens femininas criadas por Josefina Plá, sobretudo se levamos em consideração suas identidades múltiplas e fragmentadas, compostamente marginalizadas, por serem mulheres, por serem indígenas, por serem pobres. Consideramos que o lugar de onde a escritora escreve é diferente de onde a maioria de suas personagens estão, mas se pensamos na condição da mulher e da marginalidade por ela enfrentada, encontramos, de várias formas, o diálogo necessário para a construção discursiva acerca das mazelas enfrentadas por cada uma delas. As nossas considerações serão sempre parciais, pela distância dos universos discursivos que nos envolvem, mas buscamos nessa pesquisa aproximar-nos e apropriar-nos o máximo possível da experiência do nosso sujeito de análise para entender a subjetividade impressa no objeto, servindo-nos, assim, das palavras de Plá, que pondera que:

... talvez pudesse dizer que nossa preferência pelos motivos do circundante paraguaio feminino, simplesmente porque vivo no Paraguai e sou mulher. Mas por outro lado o mundo conhece

⁶ Tradução nossa. No original: *El “realismo crítico” de Josefina Plá no es, pues, de raíz ideológica sino de carácter estructural; dicho de otra manera, se origina en la perspectiva, en la distancia que separa a la autora del universo semántico del entorno, del que a pesar de todo forma parte y al cual viene sumar, a integrar su propio universo a través de su obra. En grande parte de la obra de Josefina Plá incluida su obra plástica se advierte esa voluntad de asumir la realidad, pero sin perder nada de la dimensión crítica de su propia de su condición.*

escritores que viveram sempre em seu próprio país e cuja obra não lembra em nada este fato. Literatos homens que se dedicam com frenesi a mastigar o chiclete da psicologia feminina; y vice-versa. Portanto, é necessário buscar à coisa, pelo menos, uma razão subsidiária, ou mais profunda, que não encontro. O que disse: impossível. [...] Escrevo desde tempos imemoriais [...] mas o motivo paraguaio surge pela primeira vez em 1943 [...]. Tampouco a preferência pelos temas femininos se faz presente até 1950. E segue até 1960, data na qual volta o predomínio do homem como protagonista.”⁷ (PLA, 2014 [2], p. 58)

Mba'eichapa? Yopara e a ley del mbarate⁸

O lugar subjugado do indígena não é exatamente uma novidade. Durante todo o processo de invasão e ocupação dos colonizadores portugueses e espanhóis, os povos originários ocuparam sempre uma posição de servidão e, principalmente, de mercadoria. Possuir o homem não-branco é algo recorrente, ainda. O outro, posto sempre em oposição, como anormal, como exótico, como inumano.

Retomando as reflexões do sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2006), cabe à literatura analisada as três noções desenvolvidas: a da natureza, como lugar de exterioridade – e de conseqüente inferioridade; a do selvagem, que muitas vezes sequer pode ser visto como o “outro”, porque nem status de humano recebe, mas sempre ocupa um lugar de inferioridade; e a de oriente, como civilização alternativa à eurocêntrica, temível e temida, vista como um depósito de recursos para a guerra e o comércio. Essa perspectiva de inferioridade nas três relações postas, está presente na narrativa paraguaia e, muito fortemente e de forma específica, na narrativa de Plá, com maior destaque se pensamos nas estratégias de inferiorização, mencionadas no mesmo texto e que complementam as noções apresentadas de forma tópica neste parágrafo:

A produção da inferioridade é, assim, crucial para sustentar a noção de descoberta imperial. Para isso, é necessário recorrer a múltiplas estratégias de inferiorização. Neste domínio pode dizer-se que não tem

⁷ Tradução nossa. No original: *...quizá pudiese decir que nuestra preferencia por los motivos de lo circundante paraguayo femenino, simplemente porque vivo en Paraguay y soy mujer. Por otro lado el mundo conoce escritores que vivieron siempre en su propio país y cuya obra no recuerda en nada este hecho. Literatos hombres que se dedican con frenesí a masticar el chicle de la psicología femenina; y viceversa. Por tanto, hay que buscar a la cosa, por lo menos, una razón subsidiaria, o más profunda, que no encuentro. Lo que dije: imposible. [...] Escribo desde tiempo inmemorial [...] pero el motivo paraguayo surge por primera vez en 1943 [...]. Tampoco la preferencia por los temas femeninos se hace presente hasta 1959.*

⁸ “Mba'eichapa?” significa “Tudo bem?”, em língua guaraní; “Ley del mbarate” significa “lei do mais forte”, na interlíngua yopara.

faltado imaginação ao Ocidente. Entre tais estratégias podemos mencionar a guerra, a escravatura, o genocídio, o racismo, a desqualificação, a transformação do outro em objeto ou recurso natural e uma vasta sucessão de mecanismos de imposição econômica (tributação, colonialismo, neocolonialismo, e, por último, globalização neoliberal), de imposição política (cruzadas, império, estado colonial, ditadura e, por último, democracia) e de imposição cultural (epistemológico, missionação, assimilacionismo e, por último, indústrias culturais e cultura de massas). (SOUSA SANTOS, 2006, p. 170)

Os textos de Josefina Plá podem ser encarados como narrativas de denúncia. É pulsante em sua obra a temática do povo que vive no campo e, sobretudo, das mulheres subjugadas pelos padrões e padrões descendentes dos colonizadores, fazendo sofrer, acima de todas as outras, as mulheres indígenas e mestiças. A leitura dos textos de Plá, bem como a própria vivência, nos faz questionar até que ponto as pessoas estão conscientes dos abusos que sofrem diariamente e até que ponto esta leitura nos toca incomoda por vermos estes retratos ao nosso redor e permanecermos em silêncio, omissos.

Somente algumas de suas protagonistas talvez vivam ainda: não sei. Mas vivas ou mortas, não conseguiriam reconhecer-se, salvo em uma anedota distante. Mas os que as tiveram por perto, também não as reconhecem. Se durante a vida não conseguiram vê-las, como poderiam querer ‘reconhecê-las’ agora, transportadas a um mundo onde deixaram de ser a anedota ‘caso isolado’ para converter-se em estampas soltas da peregrinação multimilenária sobre a terra? (PLA, 2014 [3], p. 186)

O multilinguismo é outra característica forte quando se trata do Paraguai. Muitas vezes essa identidade linguisticamente multifacetada é de tal forma rica, que gera a incompreensão e a incomunicabilidade entre os habitantes, uma vez que a grande maioria fala o guarani, mas não todos, da mesma forma que nem todos falam o espanhol. Optamos neste trabalho por analisar os textos literários no original, em espanhol, em guarani, em *yopara*, para tratar os textos em sua forma mais fiel, como foram escritos pela autora. Fizemos as traduções sempre que necessário, transcrevendo também o original, além de destacar a presença da língua guarani, por ser um elemento fundamental para a identidade narrativa e de carga simbólica expressiva, uma vez que o guarani também é língua oficial no Paraguai, sendo um dos poucos países a ter uma língua indígena com esse status – apesar de desdobramentos, como os problemas com a

sua sistematização em gramáticas e dicionários, por se tratar de uma língua de tradição oral.

Existe um apagamento da história literária desse país. Como aponta Bucco Coelho, parte desse apagamento se dá pela nova configuração territorial, uma vez que o Paraguai fazia parte do Vice-Reino do Rio da Prata, que apresentava fronteiras diferentes das atuais, deixando o Paraguai em uma região carente de centros urbanizados, em consequência da exploração na época colonial de cada região para determinados objetivos – este seria, de acordo com a autora, o primeiro nó a ser desvendado para entender este apagamento. A história literária tem uma relação interessante com o guarani. Como esta é uma língua de tradição oral, muito do que se produziu ao longo dos séculos foi simplesmente apagado, por não haver um registro escrito. Sabemos, ainda, que a tradição literária não se dedica a textos de tradição oral por diversos fatores, sendo estes, na maioria das vezes, vistos como não-literatura – e isso configura o que a autora nomeia como o segundo nó desse processo de entendimento, a partir suas considerações a respeito do que aponta Haveloch (1995), sobre a consideração da escrita, salvo exceções, do que se considerava/ se estudava como literatura.

O desarmamento do segundo nó requer um giro ainda mais incisivo que se assenta na (des)constituição da equação oralidade-escrita como referencial para o que se considera – e se estuda – como literatura. O apagamento do passado de uma história da literatura no Paraguai engendra, concomitantemente, o apagamento de toda uma tradição de origem indígena fundada na oralidade. [...] Percebe-se, portanto, que a presença-ausência da história de um passado literário paraguaio poderia somar-se à extensão das incógnitas que ainda estão à espera de ser desveladas por meio de uma arqueologia do silêncio. [...] Apenas adentrando o século XX é que a oralidade passa a ser reconsiderada formalmente nos estudos acadêmicos, engendrando um interesse pela palavra poética oral. [...] o papel secundário desempenhado pela poesia oral ou palavra poética nas sociedades ocidentais – e no caso do Paraguai – se deve, em grande parte, à vinculação destas formas de expressão a um extrato da população considerada como inculta [...]. Assim, parte da população – indígena e mestiça – sem meios de acesso à expressão escrita, estaria confinada à subalternidade, à falta de lugar de enunciação por não dispor dos códigos exigidos pela cultura escrita (BUCCO COELHO, 2015, p. 34-35)

A qualificação dos que não sabem ler e escrever como incultos ainda é e, acredito, sempre será uma perspectiva presente nas sociedades ditas civilizadas. Cabe ressaltar que uma parte considerável da população ainda não tem acesso à educação formal, por diversos motivos, mas isso não os impede de realizar as suas tarefas diárias, de entender e de se fazer entender e, principalmente, de produzir e perpetuar narrativas que fazem parte de uma construção simbólica própria do contexto em que se inserem. No caso da obra de Josefina Plá, os contos não estão propriamente escritos em guarani, mas a presença desta língua dentro da sua obra tem um peso fundamental, além de ser manejada com uma habilidade ímpar no momento da composição.

Os níveis de linguagem (o do narrador, o dos personagens, geralmente do povo) se dão em contraponto discreto, que configura com naturalidade os universos linguísticos (fonético, sintático, semântico) dos contos, na sua maioria de ambiente popular paraguaio e, de forma recorrente, de conteúdo crítico-social.⁹ (FERNÁNDEZ, 2014, p.13)

O guarani foi preservado no Paraguai por uma série de motivos, começando pelas expedições jesuíticas que armaram os guaranis para lutar contra os levantes escravagistas e, posteriormente, pelo uso desses grupos em prol dos interesses de José Gaspar Rodríguez de Francia (à frente do governo de 1816 a 1840), conhecido como *Karai Guasu*¹⁰, sobretudo após o fechamento das fronteiras e o uso dos indígenas como informantes do regime e, depois, durante a ditadura de Alberto Stroessner (à frente do poder entre 1954 e 1989). A reafirmação e cada vez maior valorização da língua guarani fez com que ela se mantivesse viva, dando origem ao que se chama *yopara*, a interlíngua resultante do uso simultâneo do espanhol e do guarani.

Podemos afirmar que, no panorama histórico e linguístico da América Latina, o reconhecimento oficial do guarani inaugura a possibilidade de uma nova rede de sentidos, que inscreve, discursivamente, a língua guarani no lugar da instituição, da lei e de um jogo político novo que implica relações de inclusão e de exclusão – e até de interdição – das demais línguas do país, com as línguas indígenas, com a língua de fronteira – na relação específica que aí se trava com o português do Brasil – ou, ainda, com as línguas de imigração. Na realidade pluricultural paraguaia, o guarani é a única língua de origem indígena

⁹ Tradução nossa. No original: *Los niveles de lenguaje (el del narrador, el de los personajes, generalmente del pueblo) se dan en un contrapunto discreto, que configura con naturalidad los dos universos lingüísticos (fonético, sintáctico, semántico) de los cuentos, en su mayoría de ambiente popular paraguayoy a menudo de contenido crítico-social.*

¹⁰ Grande Senhor, em guarani.

oficializada em proporção nacional, no continente americano, falada também pela população não indígena. (COLAÇA, 2016, p. 204)

Ainda sobre essa questão, BUCCO COELHO (2015) trata esse tópico como terceiro nó, não com a ideia de apagamento, mas com um posicionamento tangendo a um isolamento, objetivando acentuar a idiossincrasia do povo paraguaio.

... essa percepção se contrapõe ao princípio aglutinador que envolvia a a noção de pertença a uma territorialidade mais abrangente- como a rio-platense – ara centrar-se em uma busca de rivalizar, literalmente, com as nações vizinhas em franco processo de constituição das identidades nacionais, já que se pressupunha um rechaço à influência externa [...]. Em um movimento de autopreservação, o particularismo Paraguaio se apresenta, desde nossa perspectiva, como um movimento radical de exaltação do local (BUCCO COELHO, 2015, p. 46)

Como assinalado no tópico anterior, a questão linguística é uma das claras marcas de submissão e, principalmente, de hierarquização dentro da sociedade paraguaia. Como menciona Colaça, o guarani se insere discursivamente em muitos contextos, mas nem por isso ele deixa de ser uma ferramenta para deixar bem marcada a posição social dos seus falantes.

Salientamos que há o uso de algumas expressões em guarani que indicam o respeito e a inferioridade das pessoas, numa relação hierárquica em que o indígena se submete ao colonizador e repete inúmeras vezes a mesma coisa, numa tentativa incansável de se mostrar apto a servir, sob as ordens desse homem branco que domina a língua do outro apenas como mais uma ferramenta nesse processo de estabelecer os lugares de poder/de fala, uma vez que as construções em guarani aparecem em momentos em que o indígena vai exercer alguma atividade doméstica ou rural, ou no momento em que há alguma exaltação e o patrão precisa mostrar ao empregado que está descontente com aquela situação. A maioria das mulheres que são serviçais nas casas se referem ao chefe ou ao marido com *Che karai*, que em guarani significa “meu senhor”; são usadas como forma de tratamento, também, *Che patrón*, *Mi patrón*, *Mi señor* e *La señora*, este último para as esposas dos chefes, que ocupam um lugar secundário dentro da hierarquia doméstico-patriarcal, mas que, ainda assim, estão muito acima de qualquer indígena ou mestiço. Chamamos a atenção para o fato de que a maioria dos patrões e patroas não terem nomes, e os poucos que tem são mencionados raras vezes, dando a

esse dado um lugar de menor relevância, o que nos faz pensar em duas hipóteses, ambas críveis, a partir das leituras: a primeira de que os empregados encontravam-se tão hierarquicamente inferiores aos patrões que sequer tinham o direito de mencionar seus nomes e, a segunda, de que a nomeação e o friso nos personagens subalternos é justamente uma abordagem para dar luz às fissuras da história, trazendo para o centro as figuras que estão socialmente marginadas, ao mesmo tempo em que se valoriza as suas identidades, com a menção inúmeras vezes e a retomada a todo instante por seus nomes e suas características fundamentais. Cabe destaque, uma vez mais, a Minguela, que tem a primeira menção ao seu nome entre aspas, o que indicaria que este não era o seu nome e que ele poderia ter sido atribuído arbitrariamente, uma vez que ela não falava muito e tinha chegado ainda muito jovem à cidade e à casa dos seus senhores. A relação de rebaixamento social também se demonstra pelas imagens construídas ao longo do texto, como a permanência dessas personagens na cozinha e abaixadas ou de joelhos, quando em outros cômodos, na presença dos patrões.

Como mencionado, as expressões em guarani vêm nessa perspectiva de submissão, mas também aparecem em situações familiares, de proximidade, de carinho, como o uso do *Che memby* (meu filho/minha filha) e do *mitá/mitaí* (filho/criança). Podem ser encontradas, ainda, em situações de insulto e praguejamento, como o uso de *añamemby* (filha do demônio), *renga nipo raé*, *retymá caré*, *eyu coápe*, *peteí cuña* – todas expressões usadas para burlar-se e caracterizar Severina, no momento em que ela parte em viagem e é violada por vários homens. Outras expressões no campo semântico da ofensa em momento de exaltação são *aña memby* (usada por Benicia contra Cristobal, em *Mala idea*).

Outro ponto extremamente importante na construção das personagens de Josefina Plá é a forma como são caracterizadas. Em grande parte, elas recebem características relacionadas a animais ou são, ainda, caracterizadas como seres inumanos – em certa medida algo muito pior que animalesco, uma vez que não se pode precisar ao certo o que é – como é o caso de Minguela, que é caracterizada como inacabada, com características que não pareciam humanas, mas sim daqueles seres que fazem parte do imaginário popular, das imagens construídas ao longo das gerações para fazer parte das histórias contadas às crianças quando não se comportavam, para amedrontá-las.

No caso do selvagem, esta dualidade [teoria da escravatura natural] atinge uma expressão extrema na medida em que o selvagem não é sequer plenamente humano: meio animal, meio homem, monstro, demônio, etc. (SOUSA SANTOS, 2006, p. 174)

Encontramos em vários trechos a menção ou insinuação de que há uma passagem entre o momento antes e depois do contato do homem branco com as personagens mestiças e indígenas, como se fosse um rito de passagem, onde antes elas não eram gente, não tinham comportamento ou características humanas, mas passam a ter, depois do salvamento posto a cabo pelos homens brancos – o que acontece com Minguela e com Benicia, por exemplo.

Considerações finais.

Após análise dos contos selecionados e reflexão a partir do contexto de produção e da bibliografia teórica adequada, podemos pensar melhor sobre o lugar do indígena nessas narrativas e sobre como é feito o registro dos saberes populares/originários nelas. Destaca-se perspectiva social da produção literária analisada, as relações intersubjetivas nelas contida, a representação e a valorização/relações de poder nela explicitadas e, por fim, o processo de caracterização dos indivíduos em pauta.

Quando pensamos no lugar do indígena nas narrativas, bem como na imagem que são construídas sobre eles, da forma como figuram, podemos entrelaçar estas nuances e encarar a sua figuração a partir da marginalização e ocupação de lugares periféricos, além da desumanização, se confirmam. Como debatido anteriormente, o lugar dos indígenas é sempre subalterno, cabendo a estes o lugar, na sociedade e nas narrativas de Plá, de subserviência e de manejo rural/doméstico, sempre em condições precárias e desprovido de quaisquer perspectivas de ascensão.

Sobre a relação entre as personagens pertencentes às/descendentes das comunidades originárias, podemos pontuar que há, em certa medida, uma eterna disputa, na medida em que os indivíduos nessa condição almejam ocupar o mesmo lugar ocupado pelos brancos – o que parece bastante óbvio, afinal de contas, como não almejar os privilégios que estão ali diante dos seus olhos e que não podem ser alcançados? Esse conflito pode ser visto, inclusive, de forma mais velada, como quando Ercilia tenta diversas vezes levar os filhos de Manuela (*A Caacupé*), numa perspectiva

de oferecer melhores cuidados a eles e uma vida melhor na cidade – de novo numa oposição hierárquica comparado com o lugar onde viviam, no campo. Em contrapartida, passada a pontualidade da disputa, temos casos de colaboração em que ambas as partes contribuem e são beneficiadas, de forma bastante harmônica, como é o caso de Minguela e Ña Conché (*La niñera mágica*), que auxiliam uma a outra no momento de cuidados médicos, recorrendo aos conhecimentos ancestrais para cuidar uma da outra a partir de *yuyos* e outras técnicas de conhecimento popular.

De certa forma, ela foge do estereótipo de elucidar grandezas e feridas das guerras anteriores para debruçar-se sobre a realidade dura e triste em que os paraguaios se encontram – em especial, a mulher paraguaia que, suportando o peso dos conflitos, vivia sob o jugo patriarcal e machista. Sendo pobre e mestiça, se investia de uma multi-colonialidade. [...] Se antes a intelectualidade paraguaia reprovava a cultura indígena e via nela uma forma de atraso, Josefina Plá, ao contrário, incorpora e denuncia os abusos da colonialidade, mostrando que aceitar a diferença e a pluralidade era o caminho para a criação de uma identidade riscada, isto é, composta por inúmeras nuances: complexa, híbrida, relacional. (BUCCO COELHO, 2015, p. 38-40)

Esclarecemos, ainda, que o que chamamos de vozes aqui pode ser tratado como um conceito mais amplo, não como expressão linguística, mas como formas de expressão distintas onde a presença do indígena se faz notar. Atrelado a isso e, em alguma perspectiva, justificando essa posição, a caracterização dos indígenas como não-humanos, animais, objetificados. Observamos isso na desumanizada e servil Minguela (*La niñera mágica*); em Benicia (*Mala idea*), campesina, mestiça e crente nas tradições que permeiam o imaginário guarani, mas independente da noção burguesa de maternidade e, obviamente, fadada ao julgamento por isso; em Delpilar (*La Vitrola*), mestiça, que demorou a se casar e por isso era julgada, pela condição de mulher mais velha em uma sociedade onde o matrimônio é fundamental e a servidão ao marido deve ser a prioridade de uma mulher; observamos isso na mercantilizada Úrsula (*La mano en la tierra*); em Manuela (*A Caacupé*), mãe, lavadeira, mestiça, carregadora do fardo familiar e da culpabilização pelo simples fato de ser mulher e do abandono / não-matrimônio, que ela acreditava ter causado a si própria; etc. Todas estas fissuras podem ser enquadradas dentro do que Bucco Coelho chama de estética do dilaceramento:

... a estética do dilaceramento é provocativa e engajada. Ao representar a barbárie, o esvaziamento e a desumanização de determinados grupos sociais, reveste-se de um apelo político por meio

da criação de um vínculo empático do leitor com a dor do Outro. Não é, portanto, universal nem universalizadora, mas arraigada a uma territorialidade física e simbólica. Nem por isso deixa de ser atemporal. Ela está ancorada no sofrimento causado pela intersecção de universos culturais distintos onde os indivíduos, fagocitados, sofrem a agrura do pertencimento duplo – ou múltiplo. (BUCCO COELHO, 2015, p.47)

Josefina Plá vivencia diariamente esse dilaceramento – e ela também é um indivíduo que se constrói/destrói com ele.

REFERÊNCIAS

- BENATTI, A. Da Espanha ao Paraguai: Josefina Plá. Darandina Revista Eletrônica. PPGL/UFJF. Vol 8, nº 01. Juiz de Fora/MG: 2016. Disponível em <http://www.ufjf.br/darandina/files/2016/02/artigo-Andr%C3%A9-Resende.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2017.
- BUCCO COELHO, M. Mobilidades culturais na contística rio-platense de autoria feminina: tracejando as poéticas da distância em Josefina Plá e Maria Rosa Lojo. Tese. UFRGS. Porto Alegre/RS: 2015.
- CANCLINI, N. Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana R. Lessa e Heloísa P. Cintrão. EDUSP. São Paulo/SP: 1997.
- COLAÇA, J. As políticas de línguas sobre o guarani no Paraguai e o bilinguismo imaginário. Matraga – Estudos Linguísticos e Literários. UERJ. V. 23, nº8. Rio de Janeiro/RJ: 2016. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/21231> Acesso em 20 de agosto de 2017
- FERNÁNDEZ, M. Interculturalidade e transculturalidade na literatura e na arte de Josefina Plá. Revista Raído. UFGD, v. 6, n. 12. Dourados/MS: 2012.
- _____. La narrativa de Josefina Plá. In PLA, Josefina. Cuentos Completos. Tomo I. Servilibro. Asunción/PY: 2014.
- ORTIZ, Fernando. Del fenómeno de la "transculturación" y de su importancia en Cuba. In El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana/CU: 1983.
- OSORIO, J. La construcción (o deconstrucción) de América Latina como problema teórico. En: Universidad Autónoma Metropolitana. Mitos y realidades en América Latina hoy. Ciudad de México/ME: 1997.
- PLA, J. Cuentos Completos. Tomo I. Servilibro; Asunción/PY: 2014.
- _____. Palabras de la autora. In Cuentos Completos. Tomo I. Servilibro; Asunción/PY: 2014.
- _____. Acotaciones temporales. In Cuentos Completos. Tomo I. Servilibro; Asunción/PY: 2014.
- RODRIGUES, D. A. Kuntia Mbaapó: Josefina Plá e a Poesia do Ñandutí, gusta vo?. Dissertação. UFSC. Florianópolis/SC: 2000.
- RODRIGUES, D. P. Modernidade e arquivo em Josefina Plá: recuperação e análise de ensaios sobre literatura brasileira. Dissertação (PPGL/UFPR). Curitiba/PR: 2018.
- RODRIGUES, D. P. La imposible ausente: biografía de Josefina Plá. Buenos Aires: Fundación Maria de Paula Alonso de Ruíz Martínez, OEI, Fundación biblioteca virtual Miguel de Cervantes, 2020.
- SOUSA SANTOS, B. O fim das descobertas imperiais. In A gramática do tempo: para uma nova cultura política. Cortez. São Paulo/SP: 2006.

SOBREVILLA, D. Transculturación y heterogeneidade: avatares de dos categorías literarias em América Latina. Revista de Crítica Literária Latinoamericana. Año XXVII, n. 54. Lima/PE: 2001.

TRIGO, A. De memorias, desmemorias y antimemorias. Taller de Letras. N. 49. 17-28. Santiago /CL: 2011. Disponível em <
http://letras.uc.cl/html/6_publicaciones/pdf_revistas/taller/tl49/T.%20LETRAS%2049%20ALTA_ORIGINAL.pdf> Acesso em 05 de março de 2017.

_____. Los estudios transatlánticos y la geopolítica del neo-hispanismo. Cuadernos de Literatura. N. 31. 16 – 45. Bogotá/CO: 2012. Disponível em <
<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/cualit/article/view/3968>> Acesso em 05 de março de 2017.

ANEXOS

Tabela 1. *La mano en la tierra* (excerto)

CONTO	ANO DE ESCRITA	OBRA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO	ENREDO	ELEMENTOS DA AMÉRICA PROFUNDA	INSERÇÃO DAS COMUNIDADES ORIGINÁRIAS
La mano en la tierra	1952	<i>La mano en la tierra</i>	O protagonista do conto é um colonizador espanhol (fidalgo) à beira da morte que enfrenta a percepção da constituição híbrida que sua linhagem adquire no novo mundo.	<ul style="list-style-type: none"> - processo de hibridez - incomunicação entre comunidades originárias e colonizadores - multilinguismo - exclusão social -entrechoque cultural 	<p>- Esposa pertence à comunidade indígena. Descendentes são miscigenados:</p> <p>A) DESCRIÇÃO 1) DE ÚRSULA: Primera mención: “Úrsula, la vieja mujer india...” (p. 17)</p> <p>“A los pies de la cama, Ursula acucillada masca su tabaco. Sus movimientos son mínimos y precisos. Hace menos ruido que la brisa en el pasto, afuera. El typoi abierto a los costados deja ver por momento los pechos de cobre, voluminosos y alargados como ciertos frutos nativos.” (p. 18)</p> <p>“Está vieja Úrsula, con una vejez que no se cuenta por sus propios años sino por los de él, Don Blas, pero su pelo es ala de iribú.” (p. 18)</p> <p>“En su rostro de madera agrietada, aceitada, Blas identifica con sutil tristeza las heces del dilatado exprimirse viril</p>

					<p>sobre el cauce impertérito de aquella sangre oscura.” (p. 18-19)</p> <p>“...mientras la mujer la recogía silenciosa creciendo con ella, para amamantar luego con sus senos oscuros y largos a hijos que seguían siendo un poco color de la tierra...” (p.19)</p> <p>2) DE DIEGO: “...Lo mira; ve los ojos azules, que parecen un poco extraviados en el color terrígena del rostro. (...) En aquel rostro moreno, un poco tosco pero noble, en aquellos ojos azules, Blas de Lemos recupera por un instante, en un relámpago toda su juventud perdida.” (p. 25)</p> <p>B) PRÁTICAS SOCIAIS DO PERÍODO COLONIAL (O INDÍGENA COMO MERCADORIA) ”¿Cuántos años tiene Úrsula?... ¿Cincuenta?... Quizá menos. Doce tenía apenas cuando, mitad rijoso, mitad risueño, la recibió de entre el rebaño núbil ofrecido por un empenachado cacique como prenda de alianza y de unión.” (p.</p>
--	--	--	--	--	---

					<p>18)</p> <p>C) LÍNGUA: “- Son oro puro, mi señor. (También Úrsula le llama <i>che carai</i>.” (p. 18)</p> <p>“Con ella [Úrsula] conversaban a las veces en su lengua, de la cual él, Blas de Lemos, no pudo nunca ahondar del todo los secretos. Apenas erguidos sobre las piernas, recién llegados a la vida en la tierra aquella, ellos sabían de ella infinitas cosas que para él, Blas de Lemos, serían siempre un arcano.” (p. 19)</p> <p>“... que cuando decían ‘oré’... trazaban en tomo de ellos un círculo en el cual nadie, ni aún él, el padre, el genitor, tenía cabida;” (p. 19)</p> <p>“-Avisaste al Padre Pérez, Úrsula?... “-Avisé, che carai.” (p. 19)</p>
Mala idea	s.a.d.	<i>La mano en la tierra</i>	Casal que vive no campo e se depara com uma série de cumbucas enterradas em uma área da sua propriedade no momento de arar aquele trecho de terra.	<ul style="list-style-type: none"> - processo de hibridez -Indígena desumanizado - multilinguismo - exclusão social -entrechoque cultural - Crenças e misticismo 	- Esposa pertence à comunidade indígena e acredita nas histórias relacionadas ao imaginário guarani. Convicta na decisão de não ter filhos. Não era gente até conhecer o marido:

					<p>A) DESCRIÇÃO BENICIA “Venía de lejos, de San Pedro del Paraná, y los vecinos amigos de inventar historias a los forasteros decían que Benicia había sido de jovencita allá en su pueblo una terrible, que había farreado en grande, y que a las cansadas había dado con el vyro de Cristóbal que la había hecho gente.” (p.48)</p> <p>B) LÍNGUA:</p> <p>“Cada vez que Cristóbal quería plantar mandioca p batata en la punta del cocué, allí donde el año en que ellos levantaron su rancho se había caído de viejo un ybapobó...” (p. 47)</p> <p>“[...] Toy segura que hay plata yvyvy grande.” (p.47)</p> <p>“- Ya otra vez yevyma con tu entierro. Nehumbré. Qué entierro ni qué entierro. El mejor entierro catú es una linda mandioca.” (p.47)</p> <p>“[...] había farreado en grande, y que a las cansadas había dado con el vyro</p>
--	--	--	--	--	---

					<p>de Cristóbal que la había hecho gente.” (p.48)</p> <p>“- Hijo’, hijo’... El que tiene hijo’ y el que no tiene, catú lo mismo se hace viejo y lo mismo se queda solo.” (p.48)</p> <p>“Solamente en la cuestión de la plata yvyvy discutían porque en aquel pedazo de cocué Cristóbal veía un pedazo de tierra desperdiciada, mientras que Benicia cifraba en él sus sueños de riqueza. Benicia era creyente frenética en la plata yvyvy y en sus signos [...] Cristóbal, en cambio, no negaba la existencia de la plata yvyvy, pero cría en ella como en algo que solo a los otros les puede suceder...” (p.48)</p> <p>“El arado llegó a la punta sin novedad alguna. Volvió al punto de parüday a él arribó sin que el cielo se viniese abajo.” (p.49)</p> <p>“- Hay que romper el cambuchí. [...] - Esperá. Así no haga. El oro tiene pytu fuerte. Hace perjuicio. Te puede matar. Hay que tirarle y</p>
--	--	--	--	--	--

					<p>disparar.” (p.49)</p> <p>“- ¿Yo tenía malla idea, picó ngaú? [...]</p> <p>- Vos nunca tuviste fe en la plata yvyvy.” (p.50)</p> <p>“...amén de una perezosa como la que tenía la señora del almacenero, un armario de petereby y un espejo grande.” (p. 51)</p> <p>“- Una yunta má de mandioca rapó y ya dejo.” (p. 51)</p> <p>“Allí estaba otra vez, panzudo, un sepultado cambuchí. Miró en torno. Benicia, al otro extremo del cocué, recorría leña.” (p. 51)</p> <p>“- Dios nos manda la suerte y vos te juntás con Añá para la ruina – dijo frenética - ¡Decí catú ahora que no es tu culpa!” (p. 51)</p> <p>“- Ñandeyara, vos sabés que yo no tengo mala idea, ni un poquito. Si de vera ité es plata, ninguno va a estar más contento que yo...” (p. 53)</p> <p>“- Ahora yo te voy a dar calavera yevyvoí – dijo apretando los dientes.” (p. 53)</p>
--	--	--	--	--	--

					<p>“- Añá memby, maldito – silbó – ahora sí te pillé descomponiendo mi suerte.” (p. 53)</p> <p>“- Anivena nde pochy, che la reina... Ya te explico...” (p. 53)</p>
--	--	--	--	--	--